

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

2 e 6 de Maio de 2022

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: DORIS WISHMAN – O INFERNO PODE ESPERAR

DEADLY WEAPONS / 1974 Seios de Morte

Um filme de Doris Wishman

Argumento: J. J. Kendall / *Diretores de fotografia (35 mm, cor, formato 1:85):* Juan Fernández / *Cenários, figurinos e música:* não mencionados no genérico / *Montagem:* Lou Burdi / *Som:* Magnosound / *Interpretação:* Chesty Morgan (*Crystal*), Harry Reemes (*Tony Barler*), Greg Reynolds (*Larry*), Saul Meth (*Nick / o caçador de talentos*), Denise Purcell (*Eve*), Louis Burdi (*o bandido numa escadaria*), Mitchel Fredericks, John McMohon, Doris Wishman.

Produção: Doris Wishman para Juri Productions / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 75 minutos / *Estreia mundial:* Estados Unidos, 1974, em dia, mês e local não identificados / *Estreia em Portugal:* Porto (cinema Carlos Alberto), 16 de Maio de 1975 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Com a presença de Lisa Petrucci na sessão de dia 2

Diante de alguns filmes talvez seja necessário tentar diferenciar um filme B de um filme *trash*, embora a noção de “filme B” tenha desaparecido nos anos 60, com a radical reconfiguração do modo de produzir dos estúdios americanos. O gosto mais difundido pelo *trash* surgiu neste período, na passagem dos anos 60 para os anos 70 e há quem argumente que os filmes *trash* são a série B do cinema americano pós-Hollywood clássico, isto é a partir dos anos 60. Mas a coisa talvez não seja bem assim, pois nos anos de ouro de Hollywood Jack Tourneur fazia filmez B e Ed Wood fazia filmes *trash*, embora a palavra não fosse utilizada para designar filmes. Um filme B é feito com meios de produção modestos e o realizador tenta fazer o melhor possível com o modesto orçamento de que dispõe. No cinema *trash*, cujo orçamento pode ser ainda mais magro do que no filme B, não se procura dar o melhor aspecto possível ao filme, tirando o máximo proveito dos cenários e do número de figurantes disponível. Num misto de desleixo e deliberado abandalhamento (pode ser muito mais divertido fazer um filme do que vê-lo), filma-se de maneira a não haver a menor dúvida de que não havia realmente dinheiro e que vai ser necessário um esforço especial para *suspender a incredulidade* e deixar-se levar pelo filme. Mas no *trash* os realizadores não se limitam a filmar de qualquer maneira. Também a nível da narração estes filmes são feitos de qualquer maneira, com grandes “buracos” na narrativa, o que acaba por se coadunar com o desempenho dos atores, totalmente amadores.

A quem se destinavam estes filmes, anteriores à era do vídeo doméstico, que teve início em meados dos anos 80? Passavam em salas que tinham se tornado especializadas, com duplos programas que muitas vezes incluíam um filme de *soft core*, completado por um filme de horror ou de ficção científica, eventualmente um *peplum*. Eram cinemas esquecidos, em bairros ou ruas igualmente esquecidos a não ser por quem por ali vivia. Os espectadores, quase todos do sexo masculino (a *cinéfilite* é uma manifestação essencialmente masculina) e já maduros, estavam ali como poderiam estar em qualquer outro lugar. Só esporadicamente é que se animavam diante dos acontecimentos que se desenrolavam na tela.

Produção de série B do cinema *trash*, **Deadly Weapons** ilustra tudo o que foi dito acima. Note-se que foi o único filme de Doris Wishman a ter tido distribuição comercial em

Portugal, não para cinéfilos perversos (“é tão mau que é bom”) mas para espectadores que iam vê-lo de modo literal, com um título tão sugestivo quão adequado. As heroínas e anti-heroínas de Russ Meyer, com os seus seios descomunais, estavam no auge na passagem dos anos 60 para os 70 e é evidente que foi neste filão que Doris Wishman foi pescar a ideia do seu filme, embora não possamos pôr de lado a influência dos filmes com Isabel Sarli realizados por Armando Bo, alguns dos quais tiveram distribuição comercial americana. O importante para **Deadly Weapons** é que os seios de Chesty Morgan fossem muito maiores do que a de qualquer fera feminina descoberta por Russ Meyer, do que a mais desvairada e assassina das *pussycats*, o que certamente é o caso. Utilizando o pseudónimo de Zsa Zsa, Chesty Morgan era uma experiente *stripper*, ao passo que um dos personagens masculinos, o bigodudo, é encarnado por Harry Reemes, um ator porno conhecido, que entrou para a história do cinema ao fazer o papel do médico em **Deep Throat**, o primeiro filme pornográfico a ter tido distribuição comercial em sala. O argumento gira à volta da vingança de uma mulher sobre os três homens que mataram o seu marido, exatamente como no romance de William Irish **A Noiva Estava de Preto**, adaptado ao cinema por François Truffaut (talvez alguma “inspiração” de Doris Wishman e do seu argumentista tenha vindo também deste lado). Mas, como é regra no *trash*, não há narrativa, há situações e o espectador acaba até por se esquecer de certos elementos narrativos pelo caminho, porque estes não são concatenados num conjunto, nem se destinam a isso neste tipo de cinema. Basta lembrar que é só ao cabo de uma hora de cinema, em que por assim dizer nada acontece, que a heroína começa a matar os três homens de quem se quer vingar e dá conta do recado em escassos quinze minutos: a história começa quando o filme já está quase a acabar.

Com o *détachement* característico dos realizadores *trash*, Doris Wishman (“a Ed Wood do cinema trash” segundo a sua necrofilia em *Variety*) não explora o *gag* dos homicídios serem cometidos por sufocação com os gigantescos seios da heroína (o proveito que Russ Meyer teria tirado desta situação!). Dar à heroína de um filme como **Deadly Weapons**, com um físico como o de Chesty Morgan, um ar recatado, nada provocador ou *sexy* é uma ideia inteligente, que pode ter bons resultados num filme sarcástico, como é este e quase todo o cinema *trash*. Mas que mesmo nas cenas de vingança não haja excesso algum num filme que exige o excesso talvez seja ir demasiado longe, mesmo levando-se em conta o facto deste ser um filme feito deliberadamente ao contrário do que “deve” ser o cinema, de modo a criar uma ilusão consentida. Em **Deadly Weapons** o espectador passa o tempo a observar sem jamais se abandonar e sem sequer puxar para o sarcasmo. Como outros filmes *trash*, este tem algo de conceptual: é menos um objeto cinematográfico do que uma ideia de filme, de um filme sobre a vingança de uma mulher que tem uma ideia original para cometer homicídios.

Antonio Rodrigues